

METALOMECÂNICA

Arsopi vai investir oito milhões em fábrica no porto de Leixões

Grupo criou unidade no Brasil para evitar “elevadíssimas” taxas alfandegárias



Armando Pinho | Líder do grupo esteve, na semana passada, com Pires de Lima num evento da Unicer, na véspera da nomeação do novo ministro da Economia.

ANTÓNIO LARGUESA

alarguesa@negocios.pt

O grupo Arsopi vai construir uma quarta unidade industrial em Portugal para a produção e montagem de peças de grandes dimensões, cujo investimento inicial ascenderá a oito milhões de euros, disse ao **Negócios** o presidente do grupo metalomecânico, Armando Pinho. O fabricante de equipamentos para as indústrias alimentar, química ou petroquímica já está “a negociar terrenos” para arrancar com esta construção “na zona de Leixões, encostado mesmo ao porto”.

“No máximo em dois anos temos de estar a produzir lá, não podemos esperar mais tempo”, garantiu o empresário de Vale de Cambra, explicando que nos 60 quilómetros de estrada entre a actual zona industrial e a plataforma portuária apenas podem transportar peças até 120 toneladas e cinco metros de diâmetro. Incluindo as máquinas que precisam importar para poder produzir.

Esta limitação, que será agora corrigida, tem obrigado a Arsopi a recusar encomendas de peças com

120

Límite de peso (toneladas) das peças que pode produzir em Vale de Cambra, por distar 60 km, em estrada, da plataforma portuária.

mais de 300 toneladas de peso e até 200 milímetros de espessura. E como “estas grandes peças normalmente custam muitos milhões” – já que a mão-de-obra é praticamente a mesma, mas o peso e o valor é mais elevado –, a facturação anual do grupo vai disparar, perspectivou Pinho. “Em 2012 foi à volta de 50 milhões de euros, mas com estas mudanças todas vai por aí acima. Vamos lá ver até onde podermos ir”.

Outra das transformações está a acontecer do outro lado do Atlântico, onde já gastou dois milhões de euros para levar a Arsopi para o Brasil. O montante deverá ascender aos dez milhões nos próximos três anos, que é o prazo fixado para sair das instalações provisórias – um armazém alugado em São Pau-

lo, que transformou numa área de produção –, onde se instalou enquanto “estuda bem a localização ideal”. Tal como em Portugal, procura espaço junto a um porto, pois também ali “é muito difícil transportar por estrada” alguns equipamentos grandes, como torres, colunas ou reactores.

Armando Pinho, 79 anos, adiantou que a principal razão para passar da exportação para a internacionalização no Brasil são as taxas alfandegárias “elevadíssimas” no destino. “Temos lá bastantes clientes, que tinham grandes dificuldades com isto. Portanto decidimos, também a pedido deles, investir nesta empresa”, através da qual exportará para os países do Mercosul, acrescentou.

Embora preveja contratar engenheiros na América do Sul, o gabinete de engenharia permanecerá em Portugal, onde trabalham actualmente 36 profissionais, já que “a ideia é projectar e estudar cá e depois enviar para fabricar lá”.

Exportadora com pé em Portugal

Fundada em 1942, mais de 90% do capital da Arsopi está nas mãos da

família Pinho, sendo que quatro colaboradores têm uma posição minoritária na estrutura accionista. A partir da metalomecânica, o grupo criou a Tecnocon (automação industrial) e a Arsopi-Thermal (permutadores de calor de placas), que geram 20% das receitas do grupo.

Quase 90% da produção é exportada para 96 países dos cinco continentes, embora este ano a percentagem deva cair para 80% porque tem duas grandes encomendas de “velhos clientes” portugueses (uma das quais da Unicer).

“Não temos razão de queixa das dificuldades que têm passado por cá porque somos essencialmente exportadores”, sustentou Armando Pinho, rectificando de seguida que sentem “ligeiramente” a crise na Europa, que ainda absorve cerca de 40% das exportações. É o caso de Espanha, onde tem representação comercial directa.

O grupo emprega cerca de 500 pessoas e parte delas estão “permanentemente em movimento” para responder a grandes clientes internacionais, como a Nestlé, que têm fábricas em todo o mundo.

Metal discreto com “copo” da Unicer na mão

Ao “googlar” Arsopi, o motor de busca devolve-lhe 18.200 resultados. Porém, além do site oficial e dos directórios de empresas, são poucas as referências substantivas, mais escassas as que se referem à sua actividade e quase nulos os conteúdos de informação. Apesar de ser um dos maiores grupos industriais portugueses, a atitude mediática é “ultra low profile”...

...À imagem do seu presidente e accionista, Armando Costa Leite de Pinho, com quem falámos à margem de uma sessão pública da Unicer, na qual o grupo de Vale de Cambra é um dos accionistas principais. Detém uma participação de 28% na “holding” Viacer (onde estão também o grupo Violas e o BPI), que por sua vez tem 56% do capital da dona da Super Bock, em que integra o conselho de administração.

Membro do Conselho de Fundadores da Casa da Música, a Arsopi tem também uma participação “sem grande expressão, de cerca de 25%”, numa empresa de lacticínios, onde permanece “para ajudar a família”, e ainda “ligações a outras áreas, mas nada de grande valor”, apontou.

Nascido a 29 de Abril de 1934 e diplomado pelo Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), o empresário nortenho é um accionista histórico e vogal do conselho de administração do BPI, com a primeira designação a acontecer em Março de 1987, logo dois anos após a fundação do banco. **AL**